

EMILE VANDERVELDE



Teatro dos Estudantes de Coimbra

Este ano, no Teatro Nacional de Lisboa, o público da capital teve ocasião de admirar o seu programa, agora valorizado com «Amfitrões», escrito pelo autor dos «Lusiadas» quando escolar de Coimbra e aí mesmo representado também por estudantes e que desde então nunca mais tinha sido levada à cena.

Com Gil Vicente, Camões, e algumas canções medievais recitadas por um côro feminino, se organizou um magnífico serão de arte, bem diferente de certos espectáculos de estudantes, chelos de massadoras e ócas evocações de boémia.

Os estudantes Deniz Jacinto, Barrigas de Carvalho e Décio Dantas, ao lado das Sras D. Maria do Céu Fidalgo, D. Carolina Soares e D. Berta Costa, também alunas da Universidade, salientaram-se pela sua interpretação sóbria e correcta.

O grande animador desta feliz iniciativa tem sido o Prof. Paulo Quintela, que com a sua apurada sensibilidade e senso crítico, tem trazido para a cena o melhor do nosso teatro antigo.

Ainda podem aparecer em Portugal boas iniciativas. O ano passado, em Coimbra, um grupo de estudantes, depois de ter assistido às representações de Gil Vicente na altura do «Centenário», ficou entusiasmado e pensou também representar esse grande génio quinhentista.

E assim, teve início o novo teatro Académico que veio fazer reviver o antigo teatro dos estudantes do século 19, onde Antero, Eça, João de Deus e outros vultos de renome tiveram suas noites de glória co-

mo intérpretes ou como autores.

O Teatro dos Estudantes de Coimbra, que o ano passado renasceu, pode dizer-se já que tem uma obra notável, pelo sentido de cultura que tem dado a todas as suas organizações e pelo espírito sério com que tem feito reviver o antigo teatro português.

Em Coimbra, o ano passado, mostrou-nos o teatro vicentino sempre actual e cheio de combatividade, numa interpretação cuidadosa e equilibrada.

C R Í T I C A

(Continuação da página doze)
tativa. Necessariamente que a ser assim, mais que os homens biógrafados, as suas obras e os seus gestos, os biógrafos teriam em conta a mesma ciência nascente, de que lançam mão. Mas seja esta a causa, ou somente o desejo de opôr nos processos antigos de fazer biografias, pesados e rígidos, novos processos—é incontestável que ao desenvolvimento da Psicologia se deve todo este retorno ao passado. Retorno que em nada quer dizer regresso, que em nada significa um obstáculo posto no caminho do futuro, mas antes traduz um passo dado nesse mesmo caminho. De qualquer modo não acreditamos nos fantasmas interiores de V. M. E, em verdade, acreditará é próprio nêles?

Estudioso, culto, sereno na análise, V. M. deu-nos um Eça palpitante de vida. E' certo (e por agora são as únicas restrições que fazemos ao seu trabalho), quer-nos parecer que o autor encarou a sério demais o *socialismo* de Eça. Porque Eça quedou sempre, e medularmente, um burguês. As questões sociais interessaram-no apenas na medida em que esse interesse podia de algum modo servir os seus fins literários. Fora disso é o Eça das gravatas flamantes, o Eça que adora fazer espírito na roda de amigos, que morre por comer lutos jantares no hotel Bragança, juntamente

com os outros *Vencidos*. O sofrimento que ruga à sua volta, que se eleva dos bairros miseráveis das cidades que visita (e tantas elas são!) não o toca—e se o toca é tão levemente que ele mal se apercebe disso. Curioso e subtil, mas versátil, os grandes problemas da humanidade prendiam-lhe a atenção por instantes curtos—os curtos instantes da sua inteligência aguda os percorrer em extensão, jámais em profundidade. A sua paixão, de resto, foi a Arte. E artista, fundamentalmente artista, ele ficou por toda a vida.

Ao lado de Eça, Viana Moog faz desfilar todos aqueles que mais de perto conviveram e de algum modo influíram no temperamento do criador do *Conselheiro Acácio*. E' Antero, é Ramalho, é Oliveira Martins.

Por forma que *Eça de Queiroz e o século XIX* rompe os moldes da simples biografia de um romancista, para se transformar numa bela visão de conjunto do meio literário português dos meados e fins do século passado. Entretanto não são os amigos de Eça com as suas teorias sociológicas ou pontos de vista artísticos os modeladores do seu espírito. O verdadeiro, decisivo artifice é o próprio século XIX com o seu avanço rapidíssimo no campo das técnicas, as suas descobertas que revolucionaram o mundo e criaram uma nova mentalidade—fazendo dos homens desse periodo, ainda muito próximos dos

seus irmãos românticos, um misto de serenidade e inquietação, de positivismo e sonho.

Temos para nós que V. M. viu fundo e claro neste ponto: Eça, homem do seu tempo, tinha que ser, por força, um produto do seu tempo. Mas (e aqui cabe a nossa maior admiração) se V. M. nos apresenta, e muito bem, Eça de Queiroz como um homem trabalhado pela sua época e que por consequência está de acordo com os seus gostos, porque se esforça por demonstrar que os processos literários do autor do *Crime do Padre Amaro*—e nomeadamente que o que de mais humano, por mais real, existe em todos os seus livros—se devem exclusivamente à sua incapacidade imaginativa? Pois não é esse mesmo século XIX que enterra o romantismo? Não é nesse mesmo século XIX que o romance começa a escorregar profundamente na vida? Por outro lado, não é Eça um homem do seu tempo? Se é, como o próprio V. M. no-lo afirma, como esperar que nos tivesse aparecido escritor doutras eras, servido por processos literários diferentes? Porque, de duas uma: Ou V. M. se engana quando enquadra Eça no século XIX e no-lo dá como expoente duma época, ou se ilude quando lhe atira à conta de falta de imaginação o servir-se amudadas vezes nos seus livros, das suas experiências pessoais e das suas observações.

AFONSO RIBEIRO

A 27 de Dezembro, morreu Emile Vandervelde, o grande lutador que presidiu o P. O. B. (Partido Operário Belga).

Vandervelde nasceu em Ixelles em 1866 e desempenhou, na vida política belga destes últimos cinquenta anos, um papel preponderante. Data dos seus vinte anos a adesão ao P. O. B. Foi eleito deputado em 1894, em 1914 ministro de Estado, fazendo parte do Conselho de ministros, ministro dos negócios estrangeiros em 1925, sendo um dos signatários do Pacto de Locarno.

Chefe da opposição de 1927 a 1935, Vandervelde entrou nessa altura a constituir o ministério Van Zeeland, demittendo-se em 1936, sobretudo por discordância com os outros ministros no que diz respeito à guerra de Espanha.

A sua actividade jornalística foi enorme, colaborando entre outros nos jornais: «Le Peuple» e «Le Soir» de Bruxelas.

Os livros que nos deixou são: *A Travers de la Revolution Chinoise, Vers la Souveraineté du Travail, Les Balkans et la Paix, Etudes Marxistes e Journalisme Socialiste*. Recentemente, foi publicado pela livraria Denoel, de Paris, o seu livro *Souvenirs d'un Militant Socialiste*.

(Continuação da página anterior)

A criticomania é uma aberração análoga a tantas outras, como sejam o nudismo integral, o vegetarianismo, e coisas parecidas; compara-se ainda aos cães de guarda, que ladram sistematicamente a tudo o que não seja o dono. O dono neste caso é a idea fixa do Criticomaniaco...

Em resumo: a Critica é com frequência viciada por numerosos defeitos, dos quais os mais importantes são os seguintes:

- 1.º—Critica sofisticada;
- 2.º—Critica erística;
- 3.º—Critica dominada pelo Imperativo Caracterológico;
- 4.º—Critica dominada pelos Imperativos da Super-Estrutura;
- 5.º—Confusão de campos irreductíveis;
- 6.º—Passagem ilegítima ao Limite.

Estes 6 pecados mortais, diversamente combinados, e a que se juntam habitualmente diferentes peccadilhos, reduzem o valor da Critica, em geral, a Zero... Resta apenas, como valorização efectiva, o depoimento pessoal, a opinião, o expoente de tendências, o simbolo de correntes, etc.